



Entrevista Prof. Pedro Demo

Alcance - Em seu texto *Outra Universidade* (2010) o Sr. parte da metáfora de que a “Universidade é como um sarcófago, que por fora pode até brilhar, mas dentro contém um cadáver”.

Considerando as condições e/ou fatores históricos e culturais de sua existência, haveria um caminho ou caminhos que a universidade pudesse trilhar para deixar de ser uma Instituição Secular que por sua fé arraigada perdeu completamente o senso de realidade, e de ser a fonte paradigmática da mudança ?

Pedro Demo - *Como toda instituição vinculada a pretensões de “verdades universais” (herança visivelmente religiosa e canônica), a universidade prega a mudança, mas não quer mudar. Ou melhor, quer “coordenar” as mudanças, mantendo-se a mesma. Não descobriu ainda que a noção de identidade*

mudou radicalmente – só se mantém idêntico o que muda. O que não muda, desaparece... A chance da universidade é procurar coerência com sua galinha dos ovos de ouro: conhecimento – conhecimento é dinâmica disruptiva, rebelde, sempre em ebulição – assim deveria ser a cara da universidade. Não um mausoléu.

Alcance - Percebemos que o Sr. traça uma certa analogia, uma relação direta entre ensino e autoridade em oposição à formação e aprendizagem. Dessa forma caracteriza também o sectarismo da Universidade Profética em oposição à Universidade de Pesquisa.

Como construir uma Outra Universidade, a Universidade do Futuro para o futuro, a Universidade de Pesquisa? Iniciamos ‘combatendo’ o argumento de autoridade que se instalou nas práticas edu-

cativas? 'Pesquisando com consciência' a tentação das práticas autoritárias para impedir, combater a cristalização reprodutivista? Como não resvalar para uma Universidade 'Profética'? Por onde começar?

Pedro Demo - O melhor começo – não único, mas o mais promissor – é professor: rever profundamente o que é ser professor. Em parte, trata-se de superar a aula copiada feita para ser copiada, herança profética absurda (profeta apenas ecoa seu deus ou é malandro que manipula seu deus), a cara mais ostensiva do argumento de autoridade, tipicamente deseducativo e disciplinador. Precisa redescobrir a autoridade do argumento, como ocorreu no início do modernismo, quando se desbancaram as "autoridades" que se tinham por incontestáveis à época, em especial a Igreja. A universidade é a casa da pesquisa, em sentido científico e educativo, não da aula, da cópia, da reprodução. Antes, precisamos de professores pesquisadores e educadores.

Alcance - No seu entendimento, a partir de seus estudos e experiência qual seria a função da EAD na formação do 'capital intelectual' e sua relação com a riqueza globalizada? Existiria mesmo a possibilidade de uma formação, no sentido de 'bildung', em uma relação mediada pela virtualidade e pela esfera tecnológica?

Pedro Demo - "Bildung" tende a ser vista como dinâmica "presencial", por conta de sua tradição europeia. Nada impede, porém, que se aceite a presença virtual, desde que mantenha a mesma qualidade da aprendizagem. É possível. A presença física não é a única forma de presença humana. A EAD só tem um problema: sua má fama, em grande parte merecida. Mas, como veio para ficar, a chance é fazê-la bem, mostrando ser alternativa perfeitamente válida.

Alcance - Em uma perspectiva mais 'otimista' para que direção deve apontar a EAD na universidade na sua relação com a 'realidade' da inovação e pesquisa de um lado, e de outro em relação ao imperativo mercadológico?

Pedro Demo - Dentro da expectativa de que os cursos não poderão ser apenas marcados por presença física exclusiva ou virtual exclusiva (devem ser mescladas – blended), a presença virtual deveria

tornar-se "normal" na universidade, talvez mesmo predominante, sem jamais excluir a presença física. O atingimento adequado de alunos à distância coloca problemas e desafios específicos, além de riscos eminentes. A mediação precisa ser feita com profissionalismo (há enormes problemas com tutorias amadoras), assentar-se em pesquisa e elaboração constante e usar plataformas digitais que permitam esta interatividade (moodle, por exemplo).

Alcance - O processo de avaliação da aprendizagem é sempre um ponto polêmico, contundente nas instituições de ensino e entre os docentes. No caso da EAD, o MEC a partir do Decreto 5.622 estabelece que a avaliação presencial deve sobrepôr as avaliações realizadas a distância. Este tipo de avaliação nos parece uma replicação dos modelos de ensino tradicionais presenciais, transposta para a modalidade a distância. Quais seriam as premissas para pensar uma boa avaliação da aprendizagem em EAD?

Pedro Demo - A avaliação dita presencial transmite maior segurança (sobretudo "controle"). Mas, olhando as plataformas da web 2.0, elas admitem formas inteligentes de avaliação por pares, em particular no caso da Wikipédia: textos ruins dificilmente se mantêm. O risco de plágio é maior (embora ocorra com presença física também). De todos os modos, se os alunos elaboram constantemente textos (também multimodais) e divulgam em blogs e/ou wikis, esta exposição tem efeito avaliativo possivelmente mais profundo que outros métodos disciplinares.

Alcance - Da perspectiva das experiências virtuais de novas "epistemologias", a função pedagógica se deslocaria para a pesquisa como atividade política? Quais seriam então as suas novas reflexões e práticas enquanto campo?

Pedro Demo - Faz parte das "novas epistemologias" descobrir a politicidade do conhecimento, em particular a "cidadania que sabe pensar". Mantendo-se os textos sempre abertos, consensos precisam ser negociados com base na força sem força do melhor argumento. Ainda que haja muito idílio nisso, inevitavelmente há chance enorme educativa, na ótica da autoridade do argumento. Pode-se captar este anseio no conceito de "formação" – qualidade formal e política.